

**CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**I COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA:
SOCIEDADE, NATUREZA E CULTURA**

“COMO, LOGO EXISTO”:

A identidade do infantil na modernidade entre fios alimentares

(Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho*)

Este texto pretende abordar os questionamentos que nos motivou a organizar um projeto que tem como eixo norteador a ser pesquisado os temas identidades e alimentação. Ao longo dessa exposição, buscamos refletir sobre essas temáticas projetando nosso discurso no contexto teórico metodológico da História cultural. O interesse por esses campos de pesquisa tem propiciado uma contínua reflexão sobre as re-significações dadas à alimentação e a identidade sob a égide da cultura. Nossa pretensão não é aqui construir um entendimento sobre esses temas e tão pouco formular conceitos. Propomos explicitar nossos questionamentos nesse universo a fim de problematizar a viabilidade dessa discussão.

Falar de identidades significa falar de mudanças. E considerando que a vida e o mundo não são estáticos, começamos esta reflexão parafraseando com a idéia da composição de Lulu Santos e Nelson Mota, quando em uma das suas canções afirmaram: “Nada do que foi será. De novo do jeito que já foi um dia... Tudo muda o tempo todo no mundo...” Tal realidade própria da ação do homem influencia na sua identidade considerando o seu 'ser' e o seu 'estar'.

Quando falamos em identidades costumamos pensar em algo que está ligado a concepção de um sujeito unificado. Porém, a partir da "virada cultural" vislumbrada pelos pensadores da terceira geração dos Anales no final da década de 60 do século XX, o tema identidade ganha visibilidade e o termo passa a ser discutido tomando como referências as distintas culturas. Nesse contexto surgem no meio acadêmico vozes discordantes a respeito da existência de uma identidade única.

A fim de melhor explicitarmos essa afirmação encontramos como ponto de apoio entre as três concepções de identidades descrita por Hall a do sujeito pós-moderno. "O sujeito

assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente." (HALL, 2000: 12)

Ainda com a contribuição de Hall, observa-se que "Esta perda de "um sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito".(HALL, 2000: 9). Portanto, as identidades são desarticuladas e instáveis e abre as possibilidades da criação de novas identidades. Nesse cenário, definir identidade, no contexto dos estudos culturais, tem suscitado emblemáticos debates ainda a ser desvendados.

Considerando a dúvida instituída por Descartes, para quem, o que existia era aquilo que podia ser provado, o "penso logo existo", nos serve de ilustração parafraseando o tema em discussão. Nossa escolha é um ato subjetivo, e nesse sentido "como logo existo", passa a ter a alimentação como categoria construtora ou/não da identidade de diferentes sujeitos, no nosso caso de pesquisa o sujeito infantil.

Ainda na primeira metade do século XX, a visibilidade da alimentação já era um dado significativo a ser pesquisado. Embora definido por outras áreas do saber, como a Medicina, a Sociologia e a Legislação pública, intelectuais de diversos matizes e inserções profissionais debruçaram-se sobre os problemas alimentares.

Foi no século XX, mais precisamente a partir da década de 1920, que se definiram no Brasil os lugares sociais da alimentação como problemas de saúde pública, introduzindo novas relações de poder no cotidiano urbano, particularmente entre os escolares e a família. Nesses lugares sociais, a questão alimentar torna-se objeto do interesse de profissionais oriundos de diferentes formações.

No Brasil, os estudos em História da Alimentação ainda são recentes e se constituem numa novidade para muitos historiadores. Mas, alguns autores já vinham tratando deste tema com grande propriedade, como o exemplo do Josué de Castro, que cartografou a fome no Brasil tendo como um dos eixos norteadores da sua produção - a alimentação, e escreveu, na década de 1930, a Geografia da fome. Temos também Luís da Câmara Cascudo, com suas obras Antologia da Alimentação no Brasil e História da alimentação no Brasil, mapeando a comida e os hábitos alimentares nas diversas regiões do país. Ainda neste contexto da alimentação, encontra-se o Gilberto Freyre com a produção de Casa Grande e Senzala com sua perspectiva histórico-antropológica.

No bojo da Nova História Cultural chega primeira leva de trabalhos sobre o tema da Alimentação a exemplo de Jean-Louis Flandrin, em "História da Alimentação" destaca que na década de 1960 as questões alimentares reencontram seu lugar de reflexão histórica. E, no final dos anos 1970, os historiadores começam a estudar as diversas escolhas alimentares dos

grupos, dentro das diferentes classes sociais, comparando práticas culinárias, gostos e aversões. Esta transparente aproximação da História com a Antropologia é explicada então com o advento da Nova História na década de 1970, cuja idéia é a de que a realidade é social ou culturalmente constituída. O compartilhar dessa idéia por muitos historiadores e antropólogos sociais ajuda a explicar a recente convergência entre essas duas disciplinas.

Afinal, muitos questionamentos ainda estão para serem desvendados; pouco se sabe sobre as razões para a seleção individual de alimentos. O que conduz homens e mulheres a selecionarem, pesquisarem, escolherem seus alimentos. É apenas uma seleção cultural, geográfica, ou levam em considerações outros elementos? Como o sabor tem sido classificado pelos diferentes sujeitos? Neste sentido trilhar os caminhos da História da Alimentação pode nos levar a multiplicidade de “atalhos” possíveis a ser percorridos para problematizar nosso objeto de pesquisa no contexto da História cultural.

Podemos trilhar não só a história da produção, do preparo, consumo, normas éticas e estéticas em torno da alimentação, mas também o legado de construção e desconstrução de uma saúde ideal na infância. Assim, a alimentação deixa de ser apenas uma necessidade biológica, mas se materializa como algo simbólico. Como escreve Tomaz Tadeu da Silva, "os sistemas de alimentação estão, assim, sujeitos às classificações do processo de ordenação simbólica bem como às distinções de gênero, idade e classes."(SILVA,2005:48)

Desse modo, como a História da Alimentação, também os hábitos e práticas alimentares infantis podem ser investigados sob o olhar de diferentes áreas do conhecimento, permitindo uma abordagem interdisciplinar.

Outra importante contribuição a respeito desse tema é a do prof^o Francisco de A. G. de Vasconcelos (2007), seus estudos realizados sobre alimentação e nutrição no Brasil no período entre (1900 a 1929), possibilita a identificação da constituição da chamada higiene alimentar, área de estudo surgida nas faculdades de medicina e que, nos anos subseqüentes, possibilitaria a institucionalização acadêmica do campo da nutrição no Brasil. De maneira geral, pode-se afirmar que a maioria desses estudos conserva a matriz teórica do determinismo racial e climático contida nos estudos anteriores. Contudo incorporam novos conceitos e conhecimentos oriundos do desenvolvimento da fisiologia, patologia, microbiologia, bioquímica, bromatologia e outros olhares científicos que contribuíram para a constituição do chamado movimento sanitarista da Primeira República.

Um desses olhares é o saber médico-higienista, que contribui para dar suporte discursivo aos produtos recém-lançados no mercado, tais como leite em pó, enlatados, biscoitos, massas para o preparo de comidas aos lactentes, dentre outros produtos que eram

cada vez mais aplaudidos por mães e legitimados pelos médicos. A partir de meados do século XIX, por meio das instituições de ensino e de um aparato educacional e correccional, as crianças e jovens tornaram-se objetos de saberes e discursos científicos baseados nas teses médicas, jurídicas, pedagógicas e psicológicas.

Naquela época, a profusão de discursos sobre o tema enraizava a alimentação do âmbito da saúde pública, tendo como referência o saber médico e outros campos do conhecimento, marcando a multidisciplinaridade de olhares para esse objeto. Nas palavras de Buriti “uma criança normal seria, por excelência, uma criança saudável, esta preocupação não dizia respeito apenas aos médicos, mas aos pais, educadores e governantes da pátria.” (OLIVEIRA,2002:164)

Essas interpretações de caráter histórico que torna a criança como objeto de pesquisa é outro desafio no campo da História Cultural. O desafio dá-se pela própria subjetividade desse ser, cuja vida e sua inserção no mundo social foi negado. Trazer à tona esse indivíduo, como sujeito da História para nós é uma aventura de descobertas que se renova passo a passo.

A presença de um elo perdido desse sujeito pode ser por nós compreendidos a partir 1948, quando o francês Philippe Ariès lançava os primeiros estudos sobre a questão. Sua obra clássica, *História Social da Família e da Criança*, identifica os sinais da emergência do sentimento de infância. Ao estudo das representações ou das práticas infantis são consideradas tão importantes, que a historiografia internacional já acumulou consideráveis informações sobre a criança e seu sua premissa básica é a de não existir o sentimento de infância durante o Antigo Regime na Idade Média.

Nessa leitura constatamos que Ariès desvenda o processo de construção desse sentimento de infância a partir de análises de elementos iconográficos. Seu objeto de estudo são basicamente a criança e a família na França Medieval. A característica marcante desse período é o fato de que as crianças estão integradas no mundo dos adultos, o que difere substancialmente da situação encontrada no século XVII, onde, ao se reconhecer a necessidade de limitar a participação das crianças no "mundo dos adultos", separa-se o espaço infantil do espaço destinado aos adultos.

Para discutir as mais recentes configurações impostas à infância temos necessariamente que retroceder ao passado, buscando nos aspectos históricos algumas respostas para o presente, pois uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas identificações é por meio do apelo a antecedentes históricos. Partindo desta reflexão, a idéia

de criança pode ser considerada a partir de uma noção histórica e cultural construída, a qual veio sofrendo diversas alterações e legitimidade no transcorrer da história.

Para constatar a realidade da infância no Brasil é salutar as contribuições de Mary Del Priore, que após analisar o século XVIII no Brasil, salienta que essa nova moral tinha forte conteúdo pedagógico fulcrada em Erasmo e Vivés segundo os quais "*desde cedo a criança devia ser valorizada por meio da aquisição dos rudimentos da leitura e da escrita, assim como das bases da doutrina cristã que a permitissem ler a Bíblia*". Com fulcro nessa educação pedagógica, cartilhas com ênfase moralista foram desenvolvidas para alfabetizar as crianças. Em uma dessas cartilhas, há a seguinte passagem: "*farão os mestres servir a Deus e ao público que é aquilo a que todos devemos aspirar, os que quisermos viver como homens e como católicos*". (PRIORE, 2002:104.)

Cada época tratou de proferir um discurso que revela em sua essência os ideais e expectativas depositadas na criança, tendo tais discursos conseqüências sobre esses indivíduos em formação. Essa conceituação, tal como a encontramos na atualidade é recente e seu surgimento está atrelado à noção de família e ao desenvolvimento da educação escolar a partir do século XVII.

As respostas a essas explicações sobre a identidade do infantil, se colocam a nos historiadores como um desafio, segundo o qual as conclusões podem ser admitidas como provisórias, pois, no caminho da pesquisa há mais dúvidas do que certezas. É preciso percorrer a lenta história da passagem da criança-objeto de propriedade, poder e desejo ao estatuto de criança-sujeito autônomo de direitos, deveres possíveis.

Antes deste período a organização social da família tradicional, a fase da "infância" tinha uma curta duração, restringindo-se apenas a sua etapa de fragilidade física". Ao adquirir certa independência, era imediatamente conduzida ao convívio adulto, compartilhando de seus trabalhos e jogos, sem estar plenamente preparada física e psicologicamente para tanto.

Sobre essa passagem precoce ao contato adulto Phillipe Ariés reforça este entendimento com o posicionamento a seguir: *De criancinha pequena, ela se transforma imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje* (ARIÉS, 1986, p. 10 apud CORDEIRO). Diante da identidade infantil constata a partir das pesquisas de Ariés, o que restaria a nos historiadores pesquisar? Mas a questão pode nos conduzir também a outros caminhos de reflexão. O exemplo de Ariés, que tece um novo olhar sobre a criança medieval, nos conduz a tecer um novo olhar para a criança

moderna. Nesse sentido, vislumbramos a alimentação como categoria simbólica de representação ou/não construtora de identidades. Portanto, o objeto alimentação nos permite que, de modos diferentes, incorporaremos uma abordagem histórica cultural sobre as crianças. Nesta produção nosso foco são as mudanças dos hábitos alimentares e dos padrões de consumo alimentar na infância.

Para Antunes dos Santos, a integração com outras áreas do conhecimento permite abordar a questão da alimentação de uma forma ampla, sem “contrapor temas históricos diversos, mas sim em confrontar modos diversos de fazer História com outras Ciências Sociais, com a Arte e a Literatura, sem que a História perca sua identidade, mas que possa captar a riqueza trazida pelas referências conceituais mais diversificadas”.(SANTOS, 1997: 154-71)

Nesse cenário uma nova questão desabrocha. Como ocorrem essas práticas de consumo do alimento por parte da criança? Que códigos e representações, usuais são dados a perceber desses alimentos?

Colocando-nos nas buscas para fundamentar o conceito de prática encontram em Michel de Certeau, na obra *A invenção do cotidiano*, sua reflexão sobre práticas culturais, que ele define como uma “arte” ou “maneira de fazer”. Por esse prisma, a encontramos afirma Certeau “as maneiras de fazer” constitui as mil práticas pelas quais os usuários se apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural.(CERTEAU,1996: 41)

Diante desta realidade, a alimentação infantil; também tem a ver com o investimento da mídia, no início do século XX, em olhar para a criança como um consumidor em potencial. Conforme, afirma Olga Brites, "a propaganda nesse contexto, apareceu como mito da vida moderna, apresentando-se enquanto solução mágica para tudo. Nesse caso, os produtos são veiculados a idéia de alegria, felicidade, sucesso, sendo a família, inclusive realizadora desse projeto". (BRITES,2000: 176)

Na perspectiva da questão de análise das *práticas* encontramos o trabalho de Michel Foucault que dá outra interpretação a essas práticas. "Ele questiona a idéia de “verdade” estudando na sociedade disciplinar as novas práticas para reforçar a obediência, tal produção conduz a necessidade de se estudar o poder em todas as dimensões sociais, não numa simples relação entre Estado e sociedade, mas também nas formas de vivência cotidiana". (FOUCAULT apud BURKE,1992: 23)

O olhar histórico para a alimentação é importante para uma tentativa de desvendamento das bases em que se constitui a noção de infância na modernidade. Mas há ainda outras considerações a serem tomadas, a partir de 1921 quando foi instalada no Brasil

a Nestlé que constitui-se, provavelmente, na primeira grande empresa multinacional dos tempos modernos. Neste cenário a publicidade com a mídia escrita e a produção de alimentos infantis por meio do processo industrial bem como uma preocupação com o corpo e a saúde, tendo como fundamenta a alimentação ganham visibilidades. Esta constatação nos possibilita questionar. Os mecanismos utilizados nessas propagandas contribuem para a construção de uma nova identidade para a infância brasileira?

Portanto, o desvendamento e/ou não dessa discussão nos conduz a seguir os passos de Ginzburg com método indiciário de Morelli, trilhado por que se propusera buscar, no interior de um sistema de signos sem perder de vista as minúcias e os detalhes da investigação. Nesta perspectiva abraçamos este desafio. Conforme afirma Sandra J. Pesavento, "o sucesso da História Cultural, no plano da academia e da mídia, não deve obscurecer o fato de que há riscos de análise, há críticas, há problemas que se colocam diante do historiador". (PESAVENTO,2004:32) Sob determinado ponto de vista, podemos entender tais riscos como desafios que se colocam no plano intelectual para aqueles que abraçam a História Cultural.

* Professora da disciplina de História na Rede Municipal e Estadual de Campina Grande.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

AMORIN, Suely Teresinha Schmidt. ALIMENTAÇÃO INFANTIL E O MARKETING DA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS. BRASIL, 1960-1988 - Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná. Professora Adjunta do Departamento de Nutrição-UFPR. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 42, p. 95-111, Editora, 2005.

BRITES. Olga, Crianças de Revistas (1930/1950) *Revista de Educação da Usp*, São Paulo, v.2, p.161-176. 2000.

- BURKE, P. A escrita da história. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. Variedades da história cultural. Trad. PORTO, Aldo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Raízes do Brasil-Livro de Técnicas Científicas. Rio de Janeiro, 1977.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. As artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CASTRO, Josué. Geografia da fome. Dilema brasileiro pão ou aço. 10ª ed., Rio de Janeiro: Antares.1980.
- COSTA, Jurandir F. Ordem médica e norma familiar. 3ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- CORDEIRO, Sandro da Silva, **DESCORTINANDO O CONCEITO DE INFÂNCIA NA HISTÓRIA: DO PASSADO À CONTEMPORANEIDADE**- Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 1996
- FLANDRIN, J.-L.; MONTANARI, M. **História da alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- HALL, Stuart. A Identidade Cultural na pós- Modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 4ª Ed. DP&A Editora.2000. (p.10,11)
- OLIVEIRA, Iranilson Buriti **FAÇAMOS A FAMÍLIA À NOSSA IMAGEM: A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS DE FAMÍLIA NO RECIFE MODERNO (DÉCADAS DE 20 E 30)** 2002
- PESAVENTO, Jatahy Sandra. História & História Cultural; 2ª Ed. - Belo Horizonte: Autêntica,2004.
- DELL PRIORI, Mary. **História da infância no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **Por uma história da alimentação**. *História, Questões e Debates*, vol.14, nos 26/27, p.154-71, 1997.
- VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de (História, Ciências, Saúde-Manguinhos Print ISSN 0104-5970 **Hist. cienc. saude-Manguinhos vol.14 no.1 Rio de Janeiro Jan./Mar. 2007- Tendências históricas dos estudos dietéticos no Brasil**)
- VELHO. Paulo, A controvérsia sobre o uso de alimentação alternativa no combate à subnutrição no Brasil - **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol. 9(1):125-57, jan.-abr. 2002.

SISBB - SISTEMA DE INFORMACOES BANCO DO BRASIL
30/06/2008 - AUTO-ATENDIMENTO - 12:23:11
OUVIDORIA BB 0800 729 5678
159175335 0384

FITA DETALHE - ENVELOPES COM ERRO

DATA: 30/06/2008
ORDEM: CRONOLOGICA

12:15:28 - 882 - Envelope Expresso
Cartao: 0133268563181A447733268563181A4477
tipoDeposito=2 indDataMovBanc=1 tipoDC=0 envelop
eDE=1 nrEnvelope=0000000000 nrLote=0001
agencia=0000 conta=00000000000
agenciaDest=1591 contaDest=00000019742 variacao=01
clienteDest=JUCIENE R APOLINARIO
valorTotal=0000000000002000 indDataMovBanc=1 da
taMovBanc=30062008
2799 - Excedido tempo limite e envelope nao inse
rido
NADGRAVAR JOURNAL

Quantidade de transacoes listadas:
Com erro = 1
Sucesso = 0

Total de transacoes = 1

SISBB - SISTEMA DE INFORMACOES BANCO DO BRASIL
30/06/2008 - AUTO-ATENDIMENTO - 12:14:45
OUVIDORIA BB 0800 729 5678
159175335 0382

COMPROVANTE DE ENTREGA DE ENVELOPE
DEPOSITO EM POUpanCA - DINHEIRO

FAVORECIDO
CLIENTE JUCIENE R APOLINARIO
AGENCIA: 1591-1 CONTA: 13.742-1
VARIACAO 01
VALOR TOTAL * 15,00
NR. ENVELOPE 2.759.221.902

* Valor sujeito a conferencia.

GUARDE ESTE COMPROVANTE ATE A OPERACAO
SER PROCESSADA.